



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes do almoço oferecido ao primeiro-ministro da Noruega, Jens Stoltenberg

Palácio Itamaraty, 16 de setembro de 2008

Presidente: Para nós, brasileiros, é uma alegria imensa receber o primeiro-ministro da Noruega no Brasil, depois da calorosa manifestação de afeto que ele teve conosco quando visitei Oslo, no ano passado.

Duas preocupações importantes nos motivam a acreditar que a parceria entre Brasil e Noruega será cada vez mais intensa. Primeiro, porque a Noruega tem uma grande empresa de petróleo, tem uma grande indústria naval e nós, certamente, vamos precisar de parcerias e conhecimentos tecnológicos para explorar a totalidade do petróleo e do gás que tem na camada pré-sal.

Não temos ainda o marco regulatório definido. Pedi ao ministro Lobão que preparasse, para que a gente pudesse discutir a partir do dia 5, porque na semana que vem estarei em Nova York. Obviamente, temos em conta a relação da Statoil com a Petrobras e a relação da Noruega com o Brasil, porque é um dos países que mais investe no Brasil.

Segunda coisa, o Fundo da Amazônia. Vocês estão lembrados de que em Nairobi, alguns anos atrás, a ministra Marina propôs a criação do Fundo e que houvesse a compensação para os países que evitam o desmatamento, que é a contrapartida dos países com maior poder aquisitivo.

Quando o governo norueguês, através do primeiro-ministro Jens Stoltenberg, anuncia um bilhão disponibilizado para esse Fundo sem fazer nenhuma imposição – o pagamento desse Fundo será pelo que aconteceu no ano anterior e não pelo que vai acontecer no ano seguinte – é uma demonstração, primeiro, de seriedade; segundo, do reconhecimento de que o Protocolo de Quioto é um documento assinado por centenas de países e que



precisa ser levado a sério.

No dia em que cada país desenvolvido tiver a mesma atitude que teve a Noruega, certamente começaremos a ter certeza de que o aquecimento global poderá diminuir, porque os seres humanos estarão com mais responsabilidade para não apenas emitir menos gás de efeito estufa, mas também para seqüestrar o gás que já está na atmosfera. Esse é um acordo muito importante, acho que é um sinal muito forte da Noruega, e espero que outros países sigam o exemplo da Noruega para ajudar outros países que trabalham incansavelmente para diminuir o desmatamento.

Obviamente, aqui no Brasil estamos fazendo a lição de casa e precisamos fazer cada vez mais. Agora, vamos apresentar o zoneamento agroecológico para definir bem quais são as áreas que podem ser utilizadas para plantar o quê em cada região. Vamos trabalhar com muita intensidade para regularizar parte das terras que hoje não estão regularizadas, na Amazônia, para a gente definir... e todos nós sabemos o que vai acontecer em cada região da Amazônia.

O Brasil já é um país privilegiado. De toda a energia elétrica brasileira, 85% é produzida por energia limpa; de toda a matriz energética brasileira, 46% é limpa; temos 90% dos carros novos fabricados flex-fuel; e já temos a mistura do biodiesel no óleo diesel. Significa que o Brasil está dando sinais muito fortes ao mundo de que nós vamos contribuir para aperfeiçoar a matriz energética e poluir o menos possível. Afinal de contas, é nossa obrigação deixar para os nossos filhos um mundo menos poluído do que aquele que recebemos dos nossos pais.

Jornalista: Presidente, esse investimento da Noruega é uma prova de confiança na economia brasileira, na independência econômica? Dá uma palavrinha para acalmar um pouco o mercado.



Presidente: Primeiro, a Noruega tem grandes investimentos no Brasil, na indústria naval, na indústria de fertilizantes, na de petróleo como um todo, a Statoil está no Brasil. Penso que os investimentos da Noruega no Brasil são a confiança nas coisas que estão acontecendo aqui, que são mérito do povo brasileiro, que soube ter paciência nos momentos difíceis e que soube acreditar nos momentos em que tinha que acreditar no nosso país.

Eu sempre digo que um povo sem auto-estima e sem ousadia não consegue fazer muita coisa. Penso que não queremos copiar o modelo norueguês de fundo do petróleo, porque cada país vai criar as coisas em função da sua história, da sua cultura, das suas peculiaridades. Mas, obviamente, é um exemplo extraordinário.

Na Noruega, as empresas estrangeiras pagam 78% de imposto para o governo e não reclamam. O que é importante – e ele disse uma coisa muito certa – é que nesses investimentos, para que uma empresa confie em fazer investimentos num país, é preciso que tenha uma definição clara do que vai acontecer a cada dia, e não ficar mudando as regras do jogo. Então, penso que essa demonstração de confiança é muito importante.

Jornalista: Qual é a sua reação pessoal na contribuição da Noruega?

Presidente: Fico feliz, porque a demonstração dada pelo primeiro-ministro Jens com relação ao que o Brasil está fazendo para diminuir o desmatamento é o reconhecimento de um dos países que mais leva a sério a questão da poluição ambiental, que mais combate a poluição ambiental, acreditando nas coisas que ele acompanha, do Brasil. E isso só aumenta a nossa responsabilidade, porque o dinheiro está lá. Se a gente não cuidar, quando saírem os números no ano que vem, se este ano houver mais desmatamento, não tem Fundo. Portanto, esse Fundo vai aumentar a responsabilidade do Brasil em fazer muito melhor aquilo que já estamos fazendo hoje. Daí o porquê



dos meus agradecimentos ao governo da Noruega por essa posição, eu diria, de vanguarda, de provar ao mundo que a Noruega leva a sério a questão ambiental.

Jornalista: Presidente, com relação à crise financeira mundial, qual é a sua posição?

Jornalista: A crise nos Estados Unidos.

Jornalista: Especialmente como ela pode impactar a economia brasileira? A queda nos preços do petróleo, que já está sendo verificada pode, de alguma forma, inviabilizar os investimentos que estão considerados, justamente sobre o projeto do pré-sal?

Presidente: Eu brinquei com vocês lá no Palácio do Planalto, dizendo: “olha, precisam perguntar para o presidente Bush sobre a crise americana”. É uma crise que nenhum economista – e eu conversei com muitos economistas – ninguém tem ainda uma visão geral do que vai acontecer na crise americana. Tenho conversado com muitos presidentes, com muitos primeiros-ministros, ninguém tem clareza ainda, porque todo dia temos uma surpresa. Significa que o cassino imobiliário era muito maior do que a gente podia imaginar.

Qual é a tranquilidade que nós temos? Tranquilidade e, ao mesmo tempo, uma preocupação. Todo santo dia conversei com o Ministro da Fazenda. O Brasil está numa situação, eu diria, estável, porque tem um colchão importante, que são 205 bilhões de dólares de reserva. O Brasil está numa situação mais confortável porque não temos, hoje, uma economia dependente da balança comercial, que tínhamos com os Estados Unidos há 20 anos. Tínhamos uma balança comercial que significava quase 30% com os Estados Unidos. Hoje significa 15%.



Significa que a diversificação que fizemos na nossa balança comercial, fortalecendo a relação com a América do Sul e com a América Latina, fortalecendo a relação com a África e com a Ásia, nos permitiu estar tranquilos neste momento. Tranquilos, porém atentos. É como um médico responsável, que faz a cirurgia no seu paciente e não vai embora para casa, fica lá para acompanhar a reação. Estamos acompanhando a cada dia o que vai acontecer na economia. Graças a Deus, o sistema financeiro brasileiro não estava metido no *subprime*, até agora não há sinais disso.

Penso que os Estados Unidos precisam resolver esta crise porque, obviamente, tendo uma recessão muito profunda nos Estados Unidos, essa recessão pode atingir o mundo inteiro, porque são a melhor economia do mundo.

Jornalista: (inaudível) ...atinge o Brasil.

Presidente: Ela pode atingir, mas certamente atingirá o Brasil menos do que em qualquer outro momento.

Jornalista: O senhor acha que teria um impacto muito menor do que nós tivemos na década de 80?

Presidente: Muito menor. Eu diria, quase imperceptível. É importante lembrar que hoje o que está puxando a economia brasileira é o forte crescimento do mercado interno. E vamos continuar fortalecendo o mercado interno, vamos continuar acreditando que o mercado interno pode ser a grande tábua para que o Brasil não tenha nenhum peso maior com a crise americana.

Jornalista: Mas o aumento da Selic não é um sinal ao contrário?



Presidente: Não, o aumento da Selic começou antes disso. O aumento da Selic começou por conta da inflação, não tem nada a ver com a crise americana.

Agora, eu e o primeiro-ministro temos que comer porque “saco vazio não pára em pé”.

(\$31EGJLMP)